

MOÇAMBIQUE NA ENCRUZALHADA DA GUERRA RÚSSIA-UCRÂNIA

Mozambique at the Crossroads of the Russia-Ukraine War

Tome Fernando Bambo ¹

¹Universidade Alberto Chipande (UniAC), Centro de Investigação Paz e Segurança (CIPS), cidade de Maputo, Moçambique. **E-mail:** bambson1@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0004-9192-2656>.

Artigo Recebido em: 20 mar. 2025 | Aceito em: 30 nov. 2025.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO

Este artigo analisa a postura de Moçambique no contexto do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, com ênfase nas consequências político-diplomáticas e socioeconômicas para o país africano. A questão central do debate é: em que medida a invasão militar russa da Ucrânia representou um dilema para a política externa de Moçambique e quais foram seus impactos? Utilizando métodos qualitativos, incluindo revisão da literatura, análise de dados da Autoridade Reguladora de Energia de Moçambique e do Ministério da Indústria e Comércio, além das teorias calvinista e realista das Relações Internacionais, a pesquisa conclui que o conflito Russo-Ucraniano colocou Moçambique em um dilema estratégico na formulação de sua política externa. Além disso, o conflito gerou impactos significativos tanto no plano político-diplomático quanto no socioeconômico, destacando-se o aumento do custo de vida da população moçambicana.

Palavras-chave: Política externa. Conflito Russo-Ucraniano. Moçambique.

ABSTRACT

This article analyzes Mozambique's stance in the context of the conflict between Russia and Ukraine, focusing on the political-diplomatic and socioeconomic consequences for the African country. The central question of the debate is: to what extent did Russia's military invasion of Ukraine present a dilemma for Mozambique's foreign policy, and what were its impacts? Using qualitative methods, including a review of the literature, analysis of data from the Mozambique Energy Regulatory Authority and the Ministry of Industry and Trade, as well as Calvinist and realist theories of international relations, the research concludes that the Russian-Ukrainian conflict has placed Mozambique in a strategic dilemma when formulating its foreign policy. Moreover, the conflict has had significant impacts on both the political-diplomatic and socioeconomic levels, notably contributing to the rising cost of living for the Mozambican population.

Keywords: Foreign policy. Russian-Ukrainian conflict. Mozambique.

INTRODUÇÃO

Enquanto o mundo buscava se recuperar das sequelas socioeconômicas deixadas pela pandemia de Covid-19, a Rússia iniciou, em 24 de fevereiro de 2022, uma invasão à Ucrânia, perpetuando um "velho conflito" que se arrastava desde a independência da Ucrânia, em 1991. Esse ato marcou o início de uma "nova era" nas Relações Internacionais, caracterizada por crises políticas e econômicas cujas repercussões globais ainda são imprevisíveis, especialmente para os países africanos, incluindo Moçambique.

A reação dos Estados Unidos da América (EUA), da União Europeia (UE) e seus aliados foi imediata, considerando a invasão russa como injustificada e ilegal, com base nos preceitos do Direito Internacional e no Memorando de Budapeste, assinado em 1994. Este memorando reconhecia a soberania e a integridade territorial dos Estados, bem como a independência da

Ucrânia. Em resposta, EUA, UE e seus aliados impuseram uma intensa campanha internacional de retaliação, impondo duras sanções econômicas e financeiras à Federação Russa.

Por outro lado, países como Brasil, China, Índia e a maioria dos países africanos, incluindo Moçambique, adotaram uma postura neutra e de equidistância em relação aos principais beligerantes. Tal postura foi defendida pelas autoridades moçambicanas como coerente com os princípios de sua Política Externa, adotados desde a década de 1990. Para Moçambique, a neutralidade foi considerada uma estratégia para garantir o equilíbrio nas relações internacionais, de modo a não se alinhar plenamente com nenhum dos lados em confronto — a Ucrânia e seus aliados, de um lado, e a Federação Russa, de outro.

Neste cenário, a “questão ucraniana” ganhou grande atenção no meio político, acadêmico e na mídia moçambicana, gerando debates sobre a inevitabilidade do conflito, suas causas e impactos. Autores como Dias (2023), Surikov (2022) e Mielniczuk (2014) interpretam a crise como uma manobra estratégica de Vladimir Putin, com o objetivo de conter a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a presença dos EUA nos países sob a influência geopolítica russa, em um sistema multipolar em transformação.

Em entrevista à televisão privada moçambicana do Grupo Soico (STV), o embaixador da Rússia em Moçambique, Alexander Surikov (2022), caracterizou a invasão russa à Ucrânia como um ato de legítima defesa, em apoio às regiões separatistas de Donetsk e Luhansk, e uma reação ao movimento geoestratégico dos EUA, que buscavam impedir o surgimento de uma nova potência global no pós-Guerra Fria. Além das causas subjacentes do conflito, Ferraro (2022) e Duho et al. (2022) destacaram os impactos socioeconômicos gerados pela crise, que afetaram não só a Rússia e a Ucrânia, mas também o sistema de segurança internacional e os preços das commodities globais de combustíveis e alimentos, impactando principalmente as economias dos países em desenvolvimento.

Diante da escassez de literatura consolidada no campo das Relações Internacionais sobre o tema, surge a questão central deste estudo: em que medida a invasão militar russa à Ucrânia representou um dilema para Moçambique em sua política externa? Quais foram os impactos político-diplomáticos e socioeconômicos do conflito ucraniano em Moçambique?

Com base nessas questões, o objetivo deste artigo é compreender os contornos do conflito ucraniano no contexto político de Moçambique. O estudo analisa as razões que levaram ao surgimento do conflito, o posicionamento de Moçambique em relação aos principais beligerantes, e as consequências político-diplomáticas e socioeconômicas da guerra russo-ucraniana para o país. O recorte temporal da pesquisa abrange o período de 24 de fevereiro de 2022, data em que o conflito eclodiu, até 2024.

A metodologia adotada neste estudo foi qualitativa, com enfoque descritivo e exploratório. O principal objetivo foi analisar o impacto do conflito Rússia-Ucrânia sobre Moçambique, tanto no plano político-diplomático quanto nos aspectos socioeconômicos. A pesquisa buscou

compreender os fatores que influenciaram o posicionamento de Moçambique no cenário internacional e os efeitos desse conflito na economia do país, com especial atenção aos preços de alimentos e combustíveis. A escolha pela pesquisa qualitativa justificou-se por sua capacidade de explorar profundamente os fenômenos em questão, permitindo uma compreensão detalhada das dinâmicas políticas e socioeconômicas que influenciaram as respostas e adaptações de Moçambique. O estudo concentrou-se na análise de discursos, posições oficiais e impactos do conflito sobre os aspectos internos do país, ao invés de adotar abordagens quantitativas ou experimentais.

A coleta de dados foi realizada por meio de fontes bibliográficas e documentais. Foram consultados livros, artigos científicos, dissertações, teses e relatórios de organizações internacionais, com o objetivo de fornecer uma base teórica sólida sobre as causas e os impactos do conflito Rússia-Ucrânia, a dinâmica das relações internacionais, a política externa de Moçambique e a geopolítica global. Além disso, a pesquisa se baseou em reportagens de veículos de mídia (impressos e online), entrevistas e discursos de autoridades moçambicanas, bem como em documentos oficiais, como relatórios e declarações do governo de Moçambique sobre o posicionamento do país diante do conflito. Para os aspectos econômicos e socioeconômicos, foram extraídos dados sobre os preços de combustíveis e alimentos de fontes oficiais do governo de Moçambique, como a Autoridade Reguladora de Energia (ARENE) e o Ministério da Indústria e Comércio. Esses dados foram analisados para avaliar o impacto do aumento de preços no contexto nacional, com especial atenção para as camadas mais vulneráveis da população.

A pesquisa utilizou uma análise documental e bibliográfica para interpretar as fontes primárias e secundárias. A análise documental envolveu o exame de documentos oficiais do governo moçambicano, como discursos, declarações diplomáticas e relatórios econômicos, a fim de entender as estratégias adotadas por Moçambique diante do conflito. Já a análise bibliográfica concentrou-se em obras acadêmicas que exploram as causas e as implicações do conflito Rússia-Ucrânia, bem como a política externa de Moçambique e suas relações com os países envolvidos no conflito. Embora o estudo tenha uma abordagem qualitativa, também foi empregada uma análise quantitativa descritiva para examinar os impactos socioeconômicos do conflito, especialmente no que se refere aos preços de combustíveis e alimentos. Utilizando dados sobre o Índice de Preços ao Consumidor (IPC), foi possível verificar as variações nos preços dos principais bens de consumo antes e depois do início da guerra, considerando o contexto de uma economia dependente de importações.

Foram gerados gráficos para ilustrar essas variações de preços, comparando os períodos anteriores e posteriores ao início da guerra (a partir de fevereiro de 2022). Esses dados foram obtidos diretamente da Autoridade Reguladora de Energia e do Ministério da Indústria e Comércio, garantindo a precisão e a confiabilidade das informações.

A análise foi orientada por duas abordagens teóricas: a Escola Calvinista e o Realismo. Para a Escola Calvinista, os seres humanos, por sua natureza, estão inclinados ao mal. Essa perspectiva

teológica oferece uma interessante chave de leitura para compreender o conflito, à medida que enfatiza a corrupção inerente à humanidade e a tendência à violência e à agressão, características que podem ser observadas no comportamento das potências envolvidas no conflito.

Por outro lado, a teoria realista forneceu uma visão sobre a ação dos Estados, motivada pela busca incessante de poder e segurança. Essa abordagem foi particularmente útil para entender as decisões de política externa de Moçambique em relação ao conflito Rússia-Ucrânia. O Realismo permitiu uma análise das motivações por trás do posicionamento do país, considerando os interesses nacionais e a necessidade de manter a estabilidade em um contexto de alta tensão geopolítica. Nesse sentido, a teoria realista também ajudou a contextualizar as tentativas de Moçambique de preservar sua neutralidade em um cenário de polarização global, caracterizado por alinhamentos estratégicos cada vez mais definidos entre potências globais.

Portanto, a relevância deste estudo nas Relações Internacionais justifica-se pela escassez de pesquisas aprofundadas sobre o tema, tanto em Moçambique quanto na literatura internacional. Além disso, há um grande interesse acadêmico em entender os desafios enfrentados por Moçambique no contexto do conflito Rússia-Ucrânia, considerando seus fortes laços de cooperação com ambos os envolvidos. Este estudo busca trazer uma contribuição inovadora para o campo das Relações Internacionais, oferecendo uma visão holística sobre o conflito, e promete estabelecer-se como um marco de reflexão analítica importante na literatura sobre Relações Internacionais, especialmente no contexto de Moçambique e da África Austral.

Para além desta parte introdutória, e das conclusões, este artigo está dividido em cinco seções: a primeira da qual, começa por apresentar, a fundamentação teórica. Para tal discute-se, a inevitabilidade dentro das teorias calvinistas e realistas das Relações internacionais. A segunda seção, analisa de forma breve, a origem histórica do conflito russo- Ucrânia, onde são discutidas as relações políticas dos dois países desde a independência da Ucrânia em 1991 até o início da guerra a 24 de fevereiro de 2022.

A terceira seção, examina a posição dos países no conflito ucraniano, com enfoque para os EUA, a União Europeia, a maioria dos Estados em desenvolvimento. Para tal, é debatido a atitude tomada por Moçambique no conflito, as consequências políticas –diplomáticas e socio económicas do conflito para Moçambique.

A quarta discute o impacto político-diplomático do conflito para Moçambique. Aqui são apresentadas as vantagens e desvantagens da atitude tomada por Moçambique no conflito. A quinta seção, procurou ilustrar o impacto socio económico provocado pela guerra ucraniana em Moçambique, tomando como base de análise, o preço dos combustíveis, de transporte e dos alimentos no período antes da guerra e depois do início da guerra. Depois desta seção vem a parte conclusiva e as referências bibliográficas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para compreender como o conflito Russo-Ucraniano impacta países como Moçambique, é necessário contextualizar o papel deste país dentro dessa dinâmica global, utilizando teorias que ajudem a explicar tanto a inevitabilidade quanto a complexidade do conflito no sistema internacional. A Teoria Realista e a Escola Calvinista são duas correntes teóricas que oferecem importantes ferramentas para analisar o comportamento dos Estados em tempos de crise, como no caso da guerra entre Rússia e Ucrânia.

A Teoria Calvinista, formulada por João Calvino em 1536, sustenta que a raiz dos conflitos está na natureza humana, caracterizada pelo egoísmo e pela tendência ao mal. Para os calvinistas, as interações humanas, sejam entre indivíduos, sociedades ou Estados, estão sempre sujeitas a tensões e disputas, o que pode culminar em guerras. Sob essa perspectiva, o conflito Russo-Ucraniano pode ser visto como um reflexo dessa natureza humana propensa ao desejo de domínio e poder, especialmente quando entram em jogo questões de soberania e recursos. De acordo com a teoria, embora o impulso para o conflito esteja sempre latente, ele tende a se manifestar em momentos de grande tensão, como em crises geopolíticas. No caso da Rússia, a agressão pode ser entendida como uma resposta a um impulso quase inevitável de garantir sua segurança e afirmar sua soberania diante da competição por recursos e da expansão da OTAN. Wermuth e Zeifert (2019) argumentam que as tensões reprimidas podem emergir em circunstâncias extremas, como ocorre nas crises geopolíticas.

A teoria calvinista ajuda a explicar as atitudes de líderes e nações em relação ao uso da força e à tomada de decisões durante períodos de crise. Segundo essa concepção, o ser humano carrega uma tendência inerente ao conflito, dada sua propensão ao mal e à autossuficiência egoísta. Esse impulso não é algo novo, mas uma característica fundamental das interações humanas. Em tempos de grande incerteza e competição, como no caso do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, a violência e a coerção podem ser respostas inevitáveis à escassez de recursos e à ameaça de diminuição do poder. O conflito, portanto, não é uma falha do sistema internacional, mas uma manifestação das disposições humanas que constantemente buscam afirmar sua superioridade.

Em contraste com a abordagem calvinista, a Teoria Realista oferece uma explicação mais pragmática e estratégica para os conflitos no sistema internacional (Amadiume, 2000). Para os realistas, o sistema internacional é anárquico, e os Estados, para garantir sua sobrevivência, estão constantemente em busca de poder e segurança. A competição por poder leva os Estados a adotar ações unilaterais, como o uso da força militar, para proteger seus interesses nacionais. No caso da Rússia, a invasão da Ucrânia pode ser vista como uma tentativa de garantir seus interesses geopolíticos e reverter a expansão da OTAN, que a Rússia considera uma ameaça existencial (Viotti & Kauppi, 1998). A teoria realista maquiavélica, influenciada pelos ensinamentos de Nicolau Maquiavel, também contribui para entender o comportamento da Rússia. Maquiavel defendia que os líderes políticos devem agir com pragmatismo, usando a força quando necessário para garantir

a estabilidade do Estado. Sob essa ótica, a guerra não é uma falha da política, mas uma extensão natural da luta por poder e segurança, sendo muitas vezes uma ferramenta legítima para alcançar os objetivos estratégicos de um Estado (Nye, 2003).

O posicionamento de Moçambique no contexto do conflito Russo-Ucraniano reflete essas dinâmicas teóricas. Como muitos países africanos, Moçambique adota uma postura de neutralidade e equilíbrio, evitando se alinhar com qualquer uma das potências diretamente envolvidas no conflito. Essa postura é, em grande parte, uma estratégia pragmática, necessária para preservar a soberania do país em um sistema internacional onde grandes potências disputam poder e influência sem considerar os interesses de nações menores. Além disso, a neutralidade de Moçambique pode ser vista como uma resposta às limitações de sua capacidade militar e à sua dependência econômica de grandes potências, o que torna arriscada a participação direta em um conflito internacional. Para países menores, como Moçambique, adotar uma postura neutra é uma maneira de proteger sua soberania e evitar ser arrastado para disputas geopolíticas que não atendem aos seus interesses diretos.

A guerra Russo-Ucraniana também tem repercussões econômicas significativas para países como Moçambique, que dependem de importações de recursos essenciais, como combustíveis e alimentos. O aumento nos preços desses recursos coloca uma pressão adicional sobre as economias em desenvolvimento, exacerbando a vulnerabilidade de países como Moçambique. O impacto econômico da guerra, ao afetar diretamente os preços e a oferta de recursos, dificulta ainda mais a adoção de uma política externa que desafie as grandes potências, especialmente quando se consideram as limitações internas do país. A teoria realista também fornece uma explicação sobre a competição por recursos naturais no continente africano. A Rússia tem procurado expandir sua influência na África, incluindo Moçambique, por meio de acordos comerciais e presença militar. Isso coloca países como Moçambique em uma posição delicada, pois precisam equilibrar suas relações econômicas com potências como a Rússia, os Estados Unidos e a União Europeia, ao mesmo tempo em que tentam evitar alianças que possam prejudicar suas relações regionais ou globais (Mielniczuk, 2014; Sachs, 2019).

A situação de Moçambique no contexto do conflito Russo-Ucraniano é complexa, refletindo a interseção de dinâmicas geopolíticas globais e as limitações internas do país. Moçambique opta por uma política de neutralidade, buscando preservar sua soberania e estabilidade em um sistema internacional caracterizado pela disputa de poder entre grandes potências. No entanto, as repercussões econômicas e a competição por recursos naturais exigem que o país mantenha uma estratégia prudente e equilibrada, sempre consciente das realidades econômicas e políticas que moldam seu papel no cenário global.

NUANCES DO CONFLITO UCRANIANO

Há um razoável consenso na literatura sobre as causas do atual conflito entre a Rússia e a Ucrânia, com destaque para a implosão do império soviético na década de 1990. A dissolução

abrupta da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) alterou drasticamente a estrutura política do sistema internacional construído durante a Guerra Fria e, conseqüentemente, modificou a distribuição de poder global, afetando substancialmente o poder geopolítico da Rússia (Bushkovitch, 2020). Porém, não foi só isso: a situação trouxe novos problemas ao cenário internacional e abriu espaço para a afirmação de novos Estados que estavam anteriormente sob domínio russo. A Checoslováquia, por exemplo, se dividiu entre ocidente e oriente, enquanto os povos dos Cárpatos, como os bósnios, azeris, georgianos, armênios, abkhazes e ucranianos passaram a reivindicar a autodeterminação. Essa fragmentação levou a Federação Russa ao ressentimento e à perda de prestígio, poder e projeção internacional (Nye, 2002).

Para reverter essa situação, a Rússia procurou se aproximar desses novos Estados, buscando manter sua esfera de influência por meio da Comunidade dos Estados Independentes. Seus objetivos político-estratégicos incluíam a harmonização das políticas externas desses Estados e a criação de espaços econômicos e militares em comum. No entanto, no caso da Ucrânia, a situação foi mais complexa. Desde sua independência em 1991, as relações entre Kiev e Moscovo foram controversas, com momentos de cooperação, dependência e tensão (Bushkovitch, 2020).

A expressão máxima da cooperação e dependência da Ucrânia em relação à Rússia foi evidenciada em 1994, com o Acordo de Budapeste, no qual a Rússia reconheceu a independência e a integridade territorial da Ucrânia (incluindo Donbass e a Crimeia), bem como sua completa soberania política interna e externa, em troca da renúncia da Ucrânia às armas nucleares. Na ocasião, Leonid Kravchuk, o primeiro presidente da Ucrânia (1991-1994), confiou a segurança de seu país à Federação Russa, cedendo suas armas nucleares sob a condição de que Moscovo jamais as usaria contra Kiev (Ferraro, 2022). A partir desse momento, a política externa de Kravchuk passou a se preocupar não tanto com o que é bom ou ruim, mas com o que era necessário para o sucesso de sua política.

A atitude moralista de Kravchuk tem sido apontada nas abordagens da escola realista das Relações Internacionais como um erro estratégico, e, de certa forma, como uma ação ingênua de sua liderança na condução da política externa de um Estado. Conforme defendem os realistas, nas relações internacionais não há amizades ou afinidades, mas interesses (Morgenthau, 1982). Em um sistema predominantemente anárquico, cada Estado deve garantir sua própria sobrevivência e lidar com as ameaças.

Foi nesse contexto que, após um longo período de relativa estabilidade nas relações entre Rússia e Ucrânia, as relações dos dois países passaram por uma inflexão, especialmente durante a Revolução Laranja, no início do século XXI, que culminou com a queda de Kravchuk e a ascensão de Viktor Yushchenko, líder da oposição à presidência ucraniana (Karatnycky, 2021). Evidências anedóticas apresentadas na literatura caracterizam essa revolução como uma manifestação pacífica da oposição popular contra a corrupção dos governos aliados aos interesses de Moscovo (Ferraro, 2022). Essa narrativa foi fortemente rebatida pela liderança russa, que considerava as

manifestações uma tentativa dos Estados Unidos de afastar a Ucrânia da esfera de influência russa no período pós-Guerra Fria (Rússia, 2021).

Durante a Conferência de Segurança de Munique, na Alemanha, realizada em 29 de fevereiro de 2007, Vladimir Putin voltou a criticar o Ocidente por sua ingerência nos assuntos internos da Rússia. Na ocasião, Putin alertou o mundo sobre a crescente instabilidade e os conflitos globais, expressando preocupação com a segurança, a soberania de seu território e o modelo de ação unilateral adotado pelos EUA e pela OTAN nas diferentes regiões do mundo. Para Putin, tais intervenções representavam um verdadeiro teste ao poderio russo no pós-Guerra Fria (Rússia, 2021).

Em resposta aos pronunciamentos de Putin, os países da OTAN produziram, em abril de 2008, na Cúpula de Bucareste (Romênia), uma Declaração Conjunta que abriu espaço para a adesão da Ucrânia e da Geórgia à aliança militar (Stuenkel, 2017). Essa situação deteriorou ainda mais as relações entre os dois países. A Ucrânia passou a ser um palco de disputa geopolítica entre o governo russo e os países ocidentais, com acusações mútuas, dentro do contexto que ficou conhecido como Euromaidan ou Primavera Ucraniana, ocorrida entre 2013 e 2014 (Grazziotin, Geller Júnior, 2021).

Além da repressão policial que pôs fim ao movimento, essas manifestações deram origem a uma guerra civil no leste da Ucrânia, entre separatistas pró-russos e o governo ucraniano, o que distanciou ainda mais a Ucrânia da adesão à OTAN e à União Europeia (Grazziotin, Geller Júnior, 2021). A partir de então, os militares russos começaram a se posicionar na região fronteiriça, oferecendo apoio logístico e militar aos grupos separatistas em Donbass, ao mesmo tempo em que, na Crimeia, um referendo realizado em 2014 aprovou sua anexação à Federação Russa. Em março de 2021, assistiu-se a um processo de mobilização de grandes contingentes militares russos em torno das fronteiras ucranianas, incluindo o uso do território da Bielorrússia (Aparecido, Aguiar, 2022). Este cenário tornava o confronto militar entre Rússia e Ucrânia, dentro dos preceitos da escola realista, algo praticamente inevitável (Sarotte, 2021).

A situação não apenas marcou a ruptura definitiva das relações entre Rússia e Ucrânia, mas também deu origem ao conflito que começou em fevereiro de 2022. Na ocasião, Vladimir Putin justificou a legitimidade das operações militares da Rússia contra a Ucrânia, alegando que o objetivo era proteger as pessoas que estavam sendo intimidadas e sujeitas a genocídios pelo regime de Kiev no leste da Ucrânia há mais de oito anos (Grazziotin, Geller Júnior, 2021). Putin também afirmou que a guerra visava desmilitarizar e desnacionalizar a Ucrânia, além de repor a justiça contra aqueles que haviam cometido múltiplos crimes contra civis, incluindo cidadãos russos. Por outro lado, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, argumentou que a Rússia estava do lado errado e que o ataque à Ucrânia se assemelhava à invasão da Alemanha nazista durante a II Guerra Mundial (Júnior, 2023).

Além disso, em uma entrevista à estação de TV privada do Grupo Soico (STV), realizada em 22 de março de 2022, o embaixador russo em Maputo, Alexander Surikov, ao tentar legitimar a invasão militar da Rússia à Ucrânia no cenário internacional, afirmou que o conflito iniciado em 24 de fevereiro de 2022 era legítimo e uma reação aos sucessivos alargamentos geopolíticos da OTAN e da União Europeia para as zonas que anteriormente estavam sob influência russa. Surikov também afirmou que essa expansão representava uma ameaça à integridade do território russo (Surikov, 2022).

Para o diplomata, a política externa da Rússia sempre se aliou ao princípio de repúdio a ações de agressão ou de qualquer tentativa de provocar tensões nas relações entre países, e sempre defendeu a resolução pacífica dos conflitos. Segundo ele, a Rússia não tinha nada contra o povo ucraniano e a guerra não era contra a Ucrânia. Além disso, após a Segunda Guerra Mundial, o Ocidente garantiu que a OTAN seria um bloco militar pacífico, destinado à segurança de seus membros, e que não se aproximaria das fronteiras da Rússia (Surikov, 2022).

Diante da agressão russa, e com a ausência de ação do Conselho de Segurança da ONU para resolver o conflito, alguns Estados começaram a prestar assistência militar unilateral à Ucrânia, ignorando essencialmente os limites impostos pelo direito internacional. Esses Estados passaram a considerar que a violação da soberania se sobrepunha à neutralidade, amparando-se no direito de autodefesa do Estado atacado, uma prática cujo objetivo é negar a agressão injusta contra um Estado soberano (Marinho e Freitas, 2009).

Em suma, os argumentos apresentados na literatura e endossados pelo diplomata russo indicam que o conflito entre a Federação Russa e a Ucrânia não é um fenômeno novo, mas sim um prolongamento das rivalidades políticas, culturais e econômicas anteriores. As causas imediatas podem ser associadas à disputa por zonas de influência, à expansão da OTAN para o leste da Europa, ao desrespeito dos princípios da Carta da ONU e à instalação de novas bases militares nas antigas regiões das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Sem essas condições, a Federação Russa teria uma capacidade limitada de restaurar sua condição de potência, com poder, prestígio e a ambição de se afirmar como um império.

POSIÇÃO DE MOÇAMBIQUE NO CONFLITO

Prevendo os efeitos deletérios colaterais que resultariam da escalada do conflito, em função da acentuada globalização dos mercados, dos interesses estratégicos adversos das grandes potências no conflito e do *trade-off* envolvido, entre apoiar a Rússia ou a Ucrânia ou manter-se neutro, mas não indiferente, diversos países passaram a firmar suas posições de acordo com suas percepções e com as agendas internas de suas políticas externas em relação aos principais beligerantes. Os EUA, a União Europeia e seus aliados se uniram com um alto grau de coerência interna diante da ameaça comum de Moscou, condenando veementemente a investida militar russa e a anexação das regiões ucranianas de Donetsk, Lugansk, Zaporíjia e Querson, além de

expressarem abertamente seu apoio incondicional ao governo de Vladimir Zelensky (Apolinário Júnior, Branco, 2022).

Em contrapartida, a maioria dos Estados em desenvolvimento, incluindo Brasil, Índia, China e países africanos, como Moçambique, adotaram uma postura mais cautelosa em relação à política externa da Rússia e ao próprio presidente russo, Vladimir Putin, optando por uma posição de neutralidade e equidistância em relação aos principais beligerantes. Este comportamento demonstrou claramente que a Federação Russa não estava politicamente isolada no xadrez internacional como as potências ocidentais previam, dado que um número relevante de estadistas procurou evitar qualquer conflito direto com Moscovo, mesmo simbolicamente, devido às relações históricas mantidas desde o período da descolonização (Júnior, 2023).

Paralelamente, o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), um dos mais importantes órgãos dentro do sistema da ONU encarregado da promoção da paz e segurança internacionais, reuniu-se em 27 de fevereiro de 2022 para tentar buscar formas de mitigar o conflito. Não obstante o mérito da iniciativa do CSNU, este fórum não impediu a escalada do conflito, em virtude da Federação Russa ser membro permanente, com poder de veto no CSNU (Bambo, 2023). Na ocasião, o embaixador Pedro Comissário, representante de Moçambique junto à ONU, defendeu uma solução pacífica para o conflito, por meio de um diálogo entre as partes envolvidas (Comissário, 2022).

Além disso, foi convocada uma sessão extraordinária da Assembleia Geral da ONU, em 2 de março de 2022, sob a Resolução S/RES/2623/2022, que condenava a invasão russa, com o apoio de 141 dos 180 países que votaram (ONU, 2022). Durante a sessão, cinco países votaram contra a resolução: Rússia, Bielorrússia, Síria, Coreia do Norte e Eritreia, e 35 países se abstiveram de votar (ONU, 2022). Moçambique, juntamente com os 53 países africanos, absteve-se de votar na resolução apresentada na Assembleia Geral extraordinária da ONU que condenava a agressão russa à Ucrânia. Essa divisão de posturas entre os países em relação ao caso ucraniano reflete, sem dúvida, uma desconfiança mútua e visões antagônicas com as potências que nutrem o conflito.

Em sua declaração à imprensa, em Maputo, a então chefe da diplomacia moçambicana, Verónica Macamo, afirmou que Moçambique se absteve porque prioriza a solução negociada do conflito e apelou à moderação, à proteção da vida humana, à cessação das hostilidades e ao relançamento de um diálogo construtivo entre as partes envolvidas, visando uma solução política duradoura para o conflito (Macamo, 2022).

Alguns analistas apontam a atitude de Moçambique como uma estratégia para manter a ajuda proveniente dos dois países em conflito. Em contrapartida, a liderança moçambicana descreve o posicionamento do país como uma opção ótima, que faz justiça a ambas as partes, para que Moçambique mantenha boas relações tanto com a Federação Russa quanto com a Ucrânia (Nyusi, 2023). A ação de Moçambique pode também ser interpretada dentro do

arcabouço teórico realista, como um mecanismo para garantir o equilíbrio de poder entre os países em conflito. De um lado, a Ucrânia conta com o apoio da União Europeia e dos Estados Unidos; do outro, a Rússia recebe apoio não declarado da Coreia do Norte. Aliás, a estratégia adotada por Moçambique visa prevenir que qualquer Estado se torne excessivamente poderoso.

Depreende-se, portanto, que a postura de Moçambique de manter a neutralidade, mas não a indiferença, tem como objetivo promover o diálogo entre as partes beligerantes, considerando-o a melhor opção na busca pela paz e pela preservação da vida humana. Moçambique entende, igualmente, que a suspensão da Rússia de organismos internacionais, em vez de contribuir para o engajamento diplomático do país com vistas à solução da crise, acabaria por isolá-la ainda mais, agravando a situação e fechando canais de comunicação, que são meios indispensáveis para a resolução do conflito.

IMPACTO POLÍTICO -DIPLOMÁTICO DO CONFLITO

No campo das relações internacionais, a neutralidade constitui um dos instrumentos

estratégicos mais importantes para os Estados pequenos, que a utilizam para salvaguardar seus interesses no sistema internacional. Dessa forma, ao adotar uma postura neutra, um Estado deve respeitar alguns princípios fundamentais, a saber: tratar os Estados beligerantes de forma imparcial, não se envolver militarmente em um conflito entre outros Estados, comprometer-se a não apoiar os beligerantes por meio de meios humanos ou materiais, ou ainda disponibilizar seu território — incluindo o espaço aéreo. Esse conceito é entendido por Schmitt como a “paridade no tratamento dos beligerantes” (Schmitt, 1992).

A atitude neutra tomada por Moçambique no conflito entre a Rússia e a Ucrânia, dois países com os quais mantém boas relações de cooperação, trouxe um dilema para a definição de sua política externa, devido aos laços históricos com ambos os beligerantes. Analistas como Adriano Nuvunga consideram o comportamento de Moçambique como uma cumplicidade com a Federação Russa e uma traição à Ucrânia (Nuvunga, 2022).

Para esses críticos, a postura neutra de Moçambique poderia, no futuro, prejudicar as boas relações bilaterais com Kiev, especialmente considerando que uma parte substancial dos quadros moçambicanos foi formada na Ucrânia, durante o período da União Soviética. Quando o conflito se iniciou, havia 18 estudantes moçambicanos na Ucrânia, cursando diversos níveis acadêmicos (Notícias, 2022).

Adriano Nuvunga (2022) vê a posição do governo moçambicano como contrária aos princípios do Direito Internacional, à soberania e à integridade territorial, interpretando-a como um apoio tácito à Rússia. Nuvunga acrescenta que o uso da força armada de um Estado contra outro, quando não for em legítima defesa ou com autorização do Conselho de Segurança da ONU, é ilegítimo e configura agressão, violando o Direito Internacional, conforme o §4 do Artigo 2 da Carta da ONU.

Aliás, a Ucrânia precisava de Moçambique no Conselho de Segurança da ONU para reduzir a legitimidade da agressão russa no sistema internacional. Em contraposição, os direitos e deveres de neutralidade estão consagrados na Convenção Internacional de Haia de 1907, que estabelece que um Estado que declare neutralidade durante uma guerra não pode apoiar nenhuma das partes em conflito. Assim, para a ONU, as políticas de neutralidade podem contribuir para o fortalecimento da paz e da segurança internacional, promovendo relações pacíficas, amistosas e mutuamente vantajosas entre as nações (ONU, 2020). Esse argumento encontra respaldo no comportamento de Moçambique, que tem se pautado pela imparcialidade nas suas relações com a Ucrânia e a Rússia, abstendo-se de qualquer tipo de apoio militar.

A postura de Moçambique de não condenar a invasão russa à Ucrânia gerou um certo esfriamento nas relações com o Ocidente, incluindo com a União Europeia. Diante da flagrante agressão e violação dos direitos humanos, especialmente o direito à vida dos civis ucranianos, a União Europeia e seus aliados esperavam que Moçambique defendesse os princípios da soberania nacional e do direito à autodeterminação dos povos, conforme estabelecido na Carta da ONU.

Apesar do resfriamento das relações com o Ocidente, essa atitude trouxe ganhos substanciais para Moçambique. No panorama político, tanto a Rússia quanto a Ucrânia votaram a favor da candidatura de Moçambique no Conselho de Segurança da ONU para o assento dos membros não permanentes no biênio 2023-2024, em 9 de junho de 2022. Além disso, a visita do Vice-Presidente do Parlamento Ucraniano e da Presidente do Parlamento da Federação Russa, em outubro de 2022, e do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia, Dmytro Kuleba, a 26 de maio de 2023, que convidou o Presidente Filipe Nyusi a visitar a Ucrânia, assim como a visita de Sergei Lavrov, Ministro dos Negócios Estrangeiros Russo, em 31 de maio de 2023, que solicitou uma reunião entre o Presidente moçambicano e Vladimir Putin à margem da cúpula Rússia-África, que teve lugar em São Petersburgo em junho de 2023, revelam a assertividade da postura neutra de Moçambique em sua política externa.

A visita de três dias do então Presidente de Moçambique, Filipe Jacinto Nyusi, a Moscovo em julho de 2023, na qual os dois países revisaram suas relações de amizade e cooperação, e a instalação da Embaixada da Ucrânia em Maputo em 15 de abril de 2024, são indícios claros da continuidade das relações de amizade, solidariedade e cooperação com a Rússia e a Ucrânia. A neutralidade de Moçambique também reflete a tradição da política externa do país, que desde a adoção da Constituição da República de Moçambique, em 1990, tem priorizado a solução pacífica e negociada das controvérsias. Este princípio, consagrado no §2 do Artigo 22 da Constituição, é igualmente um dos pilares da Organização das Nações Unidas na solução dos conflitos internacionais (Moçambique, 1990).

Diante do exposto, pode-se descartar o argumento de que a postura neutra de Moçambique comprometa suas boas relações com a Ucrânia. No contexto das relações internacionais, a posição adotada por Moçambique no conflito entre Rússia e Ucrânia deve ser vista como uma estratégia assertiva de um país pequeno, com poucos recursos e dependente de

ajuda externa. Além disso, os Estados pequenos, como Moçambique, buscam sempre manter o equilíbrio do sistema internacional, que tende a ser cada vez mais anárquico, em um cenário no qual cada Estado deve assegurar sua própria sobrevivência

IMPACTO SOCIOECONÔMICO DO CONFLITO

A Rússia e a Ucrânia, juntas, desempenham um papel estratégico na economia global. No setor agrícola, por exemplo, a Rússia é o segundo maior produtor mundial de fertilizantes nitrogenados e potássicos, o quarto maior produtor de fosfatos e o maior produtor e exportador de milho e trigo. Da mesma forma, a Ucrânia é um dos maiores produtores e fornecedores mundiais de trigo, milho e cevada.

Em relação ao milho, na campanha de 2020-2021, período anterior ao conflito, a Ucrânia era o sexto maior produtor mundial, com 29,5 milhões de toneladas por ano, posicionando-se apenas atrás dos EUA, China, Brasil, União Europeia e Argentina. No campo das exportações, a Ucrânia era o quarto maior exportador mundial, após os EUA, Brasil e Argentina, com 24 milhões de toneladas exportadas anualmente. Quanto à cevada, a Ucrânia figurava como o quinto maior produtor, atrás da União Europeia, Rússia, Austrália e Canadá, e o quarto maior exportador, após a União Europeia, Rússia e Austrália, com 4,2 milhões de toneladas exportadas anualmente.

No caso do trigo, a Ucrânia era o sétimo maior produtor mundial e o sexto maior exportador, com 21,01 milhões de toneladas. Antes da eclosão do conflito em 2021, a Rússia fornecia ao mundo cerca de 679 bilhões de metros cúbicos de gás natural e 11,2 milhões de barris de petróleo por dia. Com a guerra e a proibição da importação de produtos de energia russos, o mercado internacional de petróleo enfrentou uma das maiores turbulências desde a década de 1970 (Refinitiv, 2022).

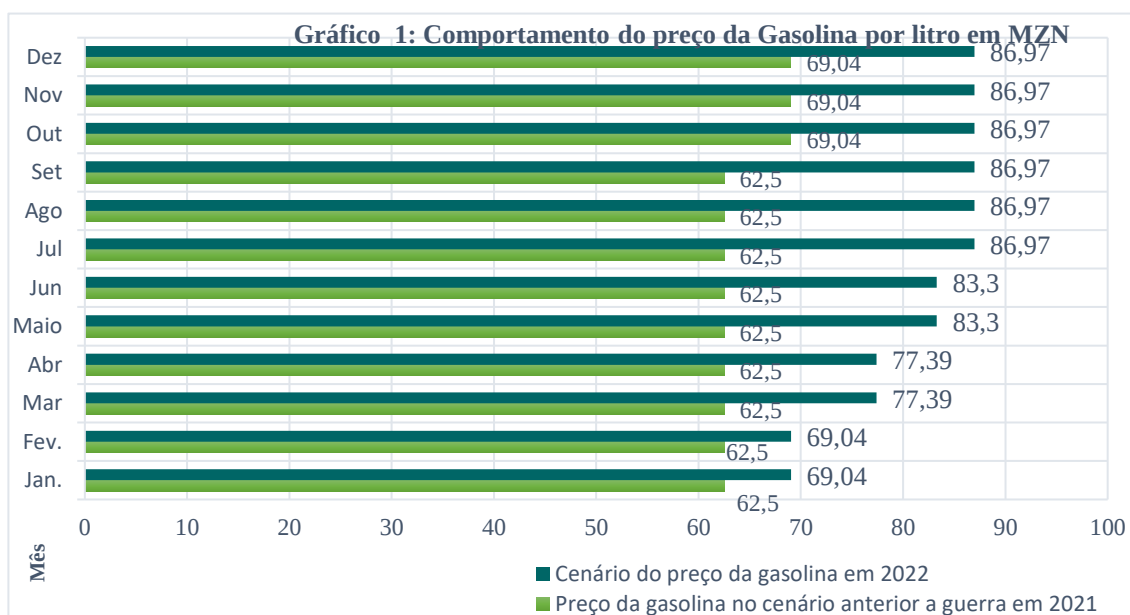
Dados do Relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI), publicado em outubro de 2022, indicavam uma tendência de aumento dos preços: 44,3% para o petróleo, 42,1% para o gás natural e 13,3% para o trigo. Além disso, antes da eclosão do conflito, a Rússia fornecia ao mundo cerca de 679 bilhões de metros cúbicos de gás natural e 11,2 milhões de barris de petróleo por dia. Com a guerra iniciada em fevereiro de 2022 e a proibição das importações de energia russa, o mercado internacional de petróleo enfrentou uma das maiores turbulências desde a década de 1970. O FMI previu também um crescimento global desacelerado, de 6% em 2021 para 3,2% em 2022 e para 2,7% em 2023 (FMI, 2022).

Embora distante da região onde o conflito ocorre, Moçambique começou a sentir os efeitos negativos da invasão russa na Ucrânia. Isso se deve, por um lado, ao processo de globalização, que conecta o mundo de forma crescente, criando uma “aldeia global”, e, por outro lado, à estrutura econômica frágil do país, que depende fortemente das *commodities* internacionais, como combustíveis e alimentos. Para ilustrar, cerca de 20% das importações de Moçambique estão direta ou indiretamente relacionadas a produtos petrolíferos, sendo 12% com

o próprio petróleo e 8% com bens manufaturados de uso intensivo de energia, como plásticos e outros produtos químicos (INE, 2022).

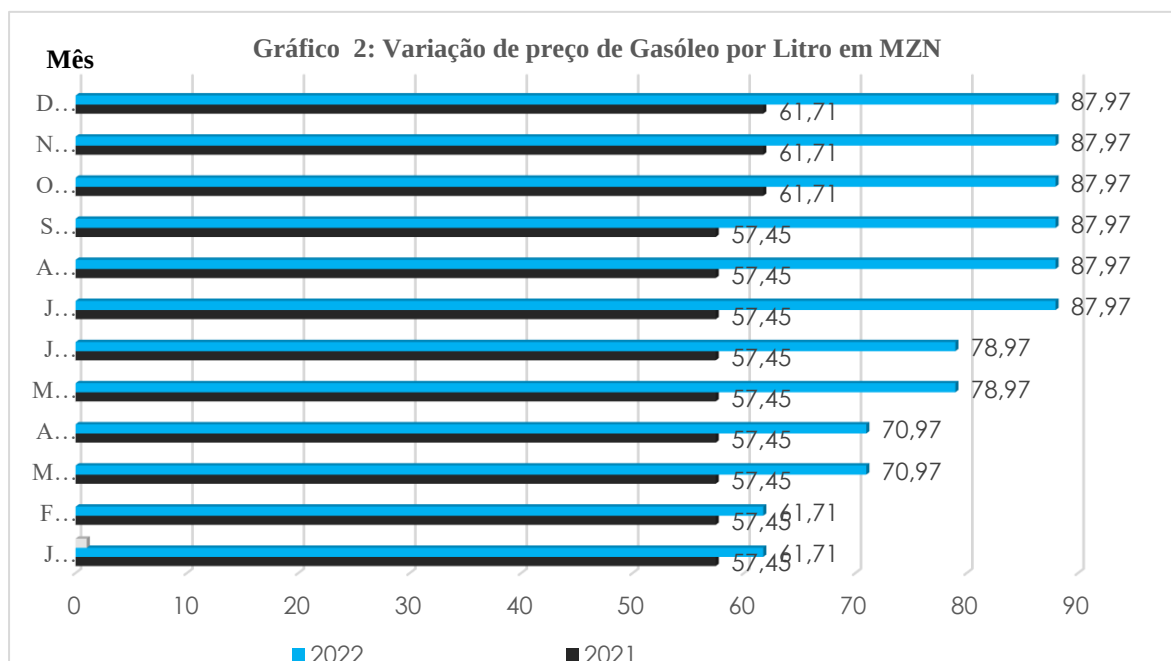
Apesar de as relações comerciais de Moçambique com a Rússia e a Ucrânia não serem expressivas — representando 1% das importações e 0,2% das exportações totais entre 2019 e 2021, a dependência produtiva de Moçambique em relação a esses países torna a economia nacional vulnerável às flutuações dos preços no mercado internacional. Isso limita a capacidade de o país determinar os preços locais praticados aos consumidores finais, tornando-o um dos mais afetados, especialmente nos setores de combustíveis, transportes e alimentação (INE, 2022).

No setor de combustíveis fósseis, por exemplo, durante muito tempo, o preço da gasolina manteve-se relativamente estável, com um pequeno aumento de 5,5 pontos percentuais em outubro de 2021, passando de 62,5 MZN por litro para 69,04 MZN (equivalente a 1,07 USD no câmbio de 20 de outubro de 2021). Com o início do conflito na Ucrânia, houve um agravamento contínuo dos preços, passando de 69,04 MZN por litro em fevereiro de 2022 para 77,39 MZN (equivalente a 1,2 USD no câmbio de 14 de março de 2022), em seguida para 83,3 MZN em maio e, finalmente, para 86,97 MZN entre julho e dezembro de 2022 (equivalente a 1,35 USD, conforme o câmbio de 26 de dezembro de 2022) (Gráfico 1).



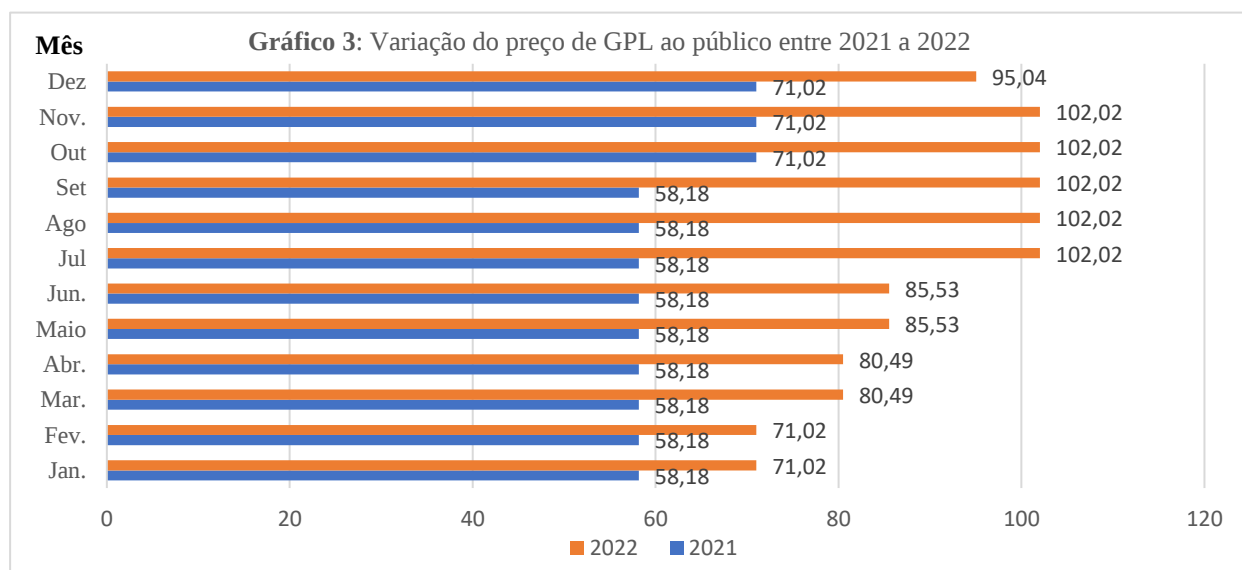
Fonte: Adaptado pelo autor a partir dos dados da ARENE, 2022.

Paralelamente, e de forma semelhante ao que aconteceu com a gasolina (Figura 1), o preço do diesel também registrou um aumento. No início de fevereiro de 2022, o preço nominal do diesel por litro era 61,71 MZN. A partir de março de 2022, um mês após o início do conflito Rússia-Ucrânia, cada litro passou a ser vendido no mercado doméstico por 70,97 MZN, representando um acréscimo de 0,17 pontos percentuais em relação ao cenário pré-conflito. Dois meses depois, ou seja, em maio de 2022, o governo novamente aumentou o preço do diesel para 78,97 MZN. De julho a dezembro de 2022, o preço do diesel por litro passou a custar 87,97 MZN (Gráfico 2).



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados da ARENE, 2022.

Enquanto isso, o preço do GPL, vulgo gás de cozinha, uma das principais fontes de preparação alimentar nas zonas urbanas e periurbanas, também foi afetado pelas hostilidades na Ucrânia. Para ilustrar, de janeiro a setembro de 2021, o preço do GPL, que custava 58,18 MZN/Kg, registrou uma ligeira subida entre outubro de 2021 e fevereiro de 2022, passando para 71,02 MZN/Kg. Com o início da guerra na Ucrânia em 2022, o preço do GPL passou a custar 80,49 MZN/Kg entre março e abril, 85,53 MZN/Kg entre maio e junho, e, de julho a novembro de 2022, o preço chegou a 102,02 MZN/Kg, com uma ligeira redução em dezembro, quando passou a custar 95,04 MZN/Kg (Gráfico 3).



Fonte: Elaborado pelo próprio autor a partir dos dados Governo de Moçambique, 2022

Ressalte-se que, sendo o combustível um dos fatores que mais influencia a economia de um país, um aumento nos preços deste produto no mercado internacional gera, inevitavelmente, efeitos multiplicadores diretos e indiretos na economia de um país, dada a dependência das famílias no uso de transportes, iluminação e cozinha. Ademais, do ponto de vista econômico, qualquer aumento nos preços dos combustíveis se traduz, mecanicamente, no aumento do índice de preços ao consumidor final e no elevado custo de bens e serviços. Diante do exposto, a inflação do país foi de 8,78% em 2022, contra 6,41% em 2021 (Mate, Constantino, 2022).

Além disso, devido ao reajuste em alta dos preços dos combustíveis, consequência da guerra na Ucrânia, o preço do transporte rodoviário semicoletivo de passageiros, comumente conhecido em Moçambique como “chapa-cem”, também sofreu aumento. As rotas urbanas e periurbanas que aplicavam a tarifa de 12,00 MZN, equivalente a 0,18 dólares americanos para uma distância de até 10 km, passaram a cobrar 15,00 MZN, equivalente a 0,23 dólares americanos, representando um aumento de aproximadamente 1,25%. As rotas com tarifa de 15,00 MZN para distâncias superiores a 19 km passaram a custar 18,00 MZN (Notícias, 2022).

À semelhança dos transportes urbanos e periurbanos, o preço do transporte interprovincial também registrou um aumento significativo, em torno de 100%. A título de exemplo, o transporte de Maputo (capital de Moçambique, no sul do país) para Beira (centro do país), com uma distância aproximada de 1.217 km, passou a custar 2.500,00 MZN (equivalente a 36 dólares americanos ao câmbio do dia), contra os 1.205,00 MZN (equivalentes a 18,8 dólares americanos) cobrados antes da invasão russa à Ucrânia. Além disso, de Maputo para Tete (no centro do país), com uma distância de 1.665 km, o preço passou para 3.500,00 MZN, em vez dos 1.553,00 MZN; de Maputo para Quelimane (também no centro do país), uma distância de 1.564 km, passou a custar 3.500,00 MZN, contra os 1.160,00 MZN; de Maputo a Nampula (no norte do país), uma rota de 2.073 km, passou a ser cobrada 4.500,00 MZN, em vez dos 2.052,00 MZN; de Maputo para Pemba (no norte do país), uma distância de 2.478 km, passou a custar 5.500,00 MZN, contra os 2.578,00 MZN; e de Maputo para Lichinga (no norte do país), com uma distância de 2.335 km, o preço passou a ser 6.000,00 MZN, em vez dos 2.807,00 MZN (Notícias, 2022).

Em concomitância, Moçambique apresenta uma forte dependência externa alimentar, com cerca de 12% das importações totais e 50% das importações de bens de consumo por ano (INE, 2021). Embora as relações comerciais de Moçambique com a Rússia e a Ucrânia não sejam expressivas, representando 1% das importações e 0,2% das exportações totais entre 2019 e 2021, a dependência externa do país em relação à Ucrânia e à Rússia nos setores de alimentos e fertilizantes impôs a Moçambique a necessidade de aumentar os preços desses produtos. Isso é evidenciado pelos preços desses produtos nas principais cidades moçambicanas, conforme ilustrado na tabela abaixo (INE, 2022).

Tabela 1: Preço dos produtos alimentares nas principais cidades Moçambicanas, entre 2021 a 2022

Produto	Origem	u/m	Cidade de Maputo		Cidade da Beira		Cidade de Nampula	
			2021	2022	2021	2022	2021	2022
Açúcar branco	Nac	Kg	70,35	79,02	71,35	71,46	70,45	74,20
Açúcar castanho	Nac	Kg	46,50	30,00	19,00	16,50	20,30	13,32
Farinha de milho	Nac	Kg	0,00	0,00	59,50	60,49	0,00	45,60
Farinha de trigo	Nac	Kg	53,13	66,82	50,00	67,00	47,90	58,75
Arroz corrente	Imp.	Kg	80,74	78,00	59,46	63,42	100,21	55,00
Arroz extra	Imp.	Kg	110,71	111,18	102,50	87,13	105,00	87,00
Feijão manteiga	Nac	Kg	0,00	192,00	0,00	0,00	131,07	0,00
Amendoim	Nac	Kg	0,00	193,80	0,00	21,90	100,00	0,00
Batata	Nac	Kg	46,74	50,30	61,29	58,93	92,13	59,91
Batata	Imp.	Kg	93,64	68,79	85,63	93,19	124,00	86,99
Tomate	Nac	Kg	0,00	69,31	0,00	0,00	59,48	99,87
Cebola	Nac	Kg	45,65	45,31	32,50	0,00	100,00	56,14
Cebola	Imp.	Kg	133,65	172,17	130,55	40,75	120,25	120,15
Óleo alimentar	Nac	Lt	217,30	291,63	148,95	140,00	116,60	139,18
Óleo alimentar	Imp.	Lt	114,74	128,35	100,84	98,65	104,92	95,75

Fonte: Ministério da Indústria e Comércio, 2023

Exemplo disso é o preço do pão, um dos alimentos básicos das famílias moçambicanas, especialmente nas áreas urbanas e periurbanas. A matéria-prima para a fabricação do pão, cuja 19% das importações provêm da Rússia e da Ucrânia, também teve seu preço incrementado. Os pães de 200 gramas, que no período anterior à guerra custavam 12,00 MZN, passaram a ser vendidos por 15,00 MZN; os pães de 160 gramas, que antes da guerra custavam 10,00 MZN, passaram a custar 12,00 MZN; e os pães de 80 gramas, que anteriormente eram vendidos por 5,00

MZN, passaram a ser vendidos por 6,00 MZN, registrando taxas de crescimento positivas na ordem de 3,34% (Moçambique, 2022).

Portanto, a guerra na Ucrânia provocou disrupções no abastecimento de produtos petrolíferos e agrícolas. Além da crise nos preços dos combustíveis e dos cereais, que teve um impacto internacional e também afetou Moçambique, outros preços de produtos básicos e alimentares na economia moçambicana também experimentaram variações, sem que houvesse uma correspondente alteração nos rendimentos das famílias de baixa renda. Essa situação gerou um alto nível de sufoco econômico nas famílias, devido ao aumento no custo de vida. Consequentemente, mais de um milhão de pessoas caíram em situação de pobreza extrema em Moçambique, em 2022 (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2023).

CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar os contornos do conflito entre a Rússia e a Ucrânia e os impactos desse evento no contexto político, econômico e social de Moçambique. A partir de uma abordagem teórica e da análise de dados disponíveis, foi possível entender que, embora o conflito tenha origens que remontam à independência da Ucrânia em 1991, ele se intensificou devido à expansão da União Europeia e da OTAN, além de questões relacionadas ao desrespeito aos princípios da Carta das Nações Unidas. Essas dinâmicas criaram um cenário em que a Rússia, em defesa de sua soberania, optou pela intervenção militar na Ucrânia.

No caso específico de Moçambique, o estudo revelou que, embora o país tenha boas relações diplomáticas tanto com a Rússia quanto com a Ucrânia, optou por uma postura de neutralidade. Essa escolha foi fundamentada na busca pela preservação da paz e pela proteção das vidas humanas, sendo considerada uma estratégia assertiva na política externa de Moçambique, especialmente por tratar-se de um país com limitações geopolíticas. A neutralidade permitiu a Moçambique manter relações amistosas com ambos os lados, resultando em ganhos políticos e diplomáticos, como visitas de alto nível e a instalação da embaixada ucraniana em Maputo.

Contudo, os impactos socioeconômicos do conflito para Moçambique foram inevitáveis. A guerra agravou a escassez de fertilizantes e a restrição na oferta de produtos alimentícios, como milho e trigo, produtos dos quais Moçambique depende significativamente para a segurança alimentar. Esse cenário gerou um aumento abrupto nos preços de combustíveis, alimentos e transportes no país, o que elevou o custo de vida e impactou principalmente as famílias de baixa renda. O aumento da inflação e o agravamento da pobreza extrema, com mais de um milhão de pessoas caindo nessa condição em 2022, são reflexos claros desses efeitos econômicos negativos.

Portanto, conclui-se que, apesar de Moçambique ter adotado uma postura diplomática equilibrada e estratégica diante do conflito, os efeitos indiretos do aumento dos preços globais, especialmente em setores chave como energia e alimentos, tiveram consequências significativas para a economia nacional. Isso expôs a vulnerabilidade de Moçambique em relação às flutuações

do mercado internacional e reforçou a necessidade de políticas econômicas mais robustas que promovam a diversificação da economia, reduzam a dependência externa e fortaleçam a resiliência do país frente a crises globais.

Em suma, a postura neutra de Moçambique no conflito entre a Rússia e a Ucrânia pode ser considerada bem-sucedida no plano diplomático, mas os impactos econômicos demonstram a urgência de uma reflexão sobre a diversificação da base produtiva e o fortalecimento da soberania econômica, com o objetivo de mitigar os efeitos de futuros choques globais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Aparecido, J.; Aguilar, S. C. (2022). 'A guerra entre a Rússia e a Ucrânia: Série Conflitos Internacionais', 9(1), fevereiro.

Amadiume, I., & An-Na'im, A. (2000). *The politics of memory: Truth, healing, and social justice in Africa*. Zed Books.

Apolinário J., Branco, G. (2022). *The BRICS countries and the Russia-Ukraine conflict*. DOI: 10.21530/ci.v17n3.2022.128.

Dias, V. (2014). *A Crise Ucraniana e a Transformação das Dinâmicas de Segurança na Europa Oriental*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

Duho, K. C. T.; Abankwah, S. A.; Agbozo, D. A.; Yonmearu, G.; Aryee, B. N. A.; Akomanin, O. (2022). *Exploring the Russo-Ukrainian Crisis and Its Impact on African Countries: A Cross-Regional Analysis*. Dataking Research Lab Dataking Consulting: Ghana.

Grazziotin Portal, J. C.; Geller Júnior, L. (2021). *Chegou a hora de ucranizar!: Uso do passado e nacionalismo nas manifestações públicas em defesa de Jair Bolsonaro*. UFRGS: Porto Alegre.

Jackson, R.; Sorensen, G. (1978). *Introduction to International Relations: Theories and Approaches*. Oxford University Press.

Macamo, V. (2022). *A posição de Moçambique no conflito ucraniano*. Notícias: Maputo

Marinho, A; Araripe, F. (2009). *Manual de Direito Penal - parte geral*. Rio de Janeiro: Lumen Júris.

Mate, Rui; Constantino, L. (2022). *Aumento do preço de combustível*. 3ª Edição Centro de Integridade.

Mielniczuk, F. (2014). *A Rússia e a Nova Ordem Internacional*. Editora Unesp.

Mielniczuk, F. (2014). 'A crise ucraniana e suas implicações para as relações internacionais'. *Revista Conjuntura Austral*, 5(23), ISSN: 2178-8839.

Moçambique. (1990). *Constituição da República de Moçambique de 1990*. Imprensa. Nacional: Maputo.

Makinda, S.; Okumu, F. (2008). *African agency in international politics*. Palgrave Macmillan.

Nuvunga, A. (2022). *Relações entre Moçambique e Ocidente podem esfriar devido à falta de condenação da ofensiva russa na Ucrânia*. CDD: Maputo.

Nye, J. (2003). *The Paradox of American Power: Why the World's Only Superpower Can't Go It Alone*. Oxford University Press.

Nyusi, F. (2022). *Discurso do Presidente da República de Moçambique alusivo à eleição do país ao CSNU*. Maputo: Rádio Moçambique, 21 de junho de 2022.

ONU. (2020). *Dia Internacional de Neutralidade: ONU*. Nova Iorque.

Sachs, J. (2019). *Africa's Agenda: The Role of International Relations in Africa's Development*. Cambridge University Press.

Surikov, A. (2022). *Entrevista da STV*. 19 de maio de 2022.

Viotti, P. R.; Kauppi, M. V. (1998). *International Relations Theory: Realism, Pluralism, Globalism, and Beyond*. Pearson Longman.

Wermuth, M.; Zeifert, A. (2019). *The Roots of Human Conflict: A Psychological and Theological Analysis*. Cambridge University Press.